

O PROFESSOR COMO CAUSA DA INDISCIPLINA DOS ALUNOS

The teacher as a cause of students indiscipline

Claudia Maria Bezerra da Silva¹
1. claudiambezerra@yahoo.com.br

Resumo

A noção que geralmente se tem de indisciplina é de comportamentos que bem podem ir do falar quando não solicitado até o extremo de condutas de natureza violenta, como agredir fisicamente um colega. O fato é que esses acontecimentos, cotidianos no cenário escolar, estão mobilizando educadores, pais, psicólogos e psicopedagogos, a levantarem questionamentos sobre suas causas, sendo comum ser atribuída a “culpa” apenas aos alunos. Poucos professores se propõem a fazer uma reflexão sobre como eles, com uma postura autoritária, uma metodologia cansativa ou desinteressada podem, também, estar estimulando a indisciplina dos alunos na sala de aula.

Palavras-chave: Indisciplina, Professor Indisciplinado, Relação Professor/Aluno.

Abstract

The notion that generally has to indiscipline is behavior that may well go the talk when not asked to the end of a violent nature behaviors, and physically assaulting a colleague. The fact is that these events daily in the school setting, are mobilizing educators, parents, psychologists and educational psychologists, to raise questions about its causes, it is common to be attributed to "blame" only students. Few teachers intend to make a reflection on them, with an authoritarian posture, tiring or disinterested methodology can also be encouraging indiscipline of students in the classroom.

Keywords: indiscipline, Undisciplined Teacher, Teacher/Student' relation.

Introdução

A questão da indisciplina vem, atualmente, atingindo índices críticos, a ponto de ter deixado de ser um assunto interno da sala de aula para tornar-se tema de estudos e discussões entre professores. O fato é que a indisciplina se tornou um grave e generalizado obstáculo que põe em risco o desenvolvimento de um bom processo de ensino-aprendizagem.

A indisciplina vem-se configurando como grande inimiga do educador, principalmente por não ser um comportamento que tem como causa estritamente o meio escolar. Como afirma Vasconcellos (2000b), a questão da indisciplina é algo bastante complexo, uma vez que um grande número de variáveis a influenciam.

Trata-se de um entrelaçamento entre as instituições que estão relacionadas de forma ampla à educação da criança, que são a família e a escola.

A educação familiar e a forma como a questão dos limites está sendo tratada em casa tem influência no comportamento dos filhos em sala de aula. Na escola, por sua vez, a forma como o professor desenvolve sua metodologia, a relação professor-aluno, o modo como as regras são impostas, além de várias outras questões relacionadas ao contexto, também podem desencadear indisciplina. Não podemos esquecer das particularidades dos próprios alunos. Portanto, apesar da complexidade de influências na questão, a verdade é que há um consenso sobre o fato de que sem disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo.

No cotidiano escolar, mediante o fato de a indisciplina ser percebida como uma das dificuldades fundamentais no processo de construção do conhecimento, há uma tentativa de buscar explicações para a existência de tal manifestação. Rego (1996) afirma que, na busca pelas causas da indisciplina, alguns educadores acabam associando-as aos traços de personalidade de cada aluno. Segundo a autora, surgem depoimentos do tipo: “Fulano é terrível, não tem jeito! Sicrano nasceu rebelde, o que eu posso fazer?” (p. 89).

Desse modo, os relatos equivocados de alguns educadores apontam como causa da indisciplina particularidades pertencentes ao aluno. Assim, características individuais são definidas por fatores endógenos, em que os traços comportamentais de cada aluno não poderão ser modificados por já estarem definidos desde o nascimento.

Entretanto, segundo a autora (op. cit., p.96):

(...) é possível afirmar que um comportamento mais ou menos indisciplinado de um determinado indivíduo dependerá de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, sempre terá relações com as características do grupo social e da época histórica em que se insere.

Assim sendo, relacionar a indisciplina a fatores inerentes a características de personalidade de cada aluno é um grande equívoco, visto que ninguém “nasce rebelde ou indisciplinado”. É importante frisar que a multiplicidade de influências que recaem sobre a criança é que irá acarretar um comportamento indisciplinado.

Com objetivo de analisar a relação entre indisciplina e processo de ensino-aprendizagem, verificando o professor como influenciador da indisciplina do aluno, desenvolvemos essa pesquisa bibliográfica para ser mais um suporte para auxiliar o trabalho do professor.

Referencial teórico

A indisciplina não é uma prática recente no universo escolar. A sala de aula sempre foi testemunha de comportamentos dessa natureza. Além disso, percebemos que as ideias que a cercam estão longe de ser consensuais. Tornou-se algo complexo, em vista da multiplicidade de informações que recebe. Dessa forma, a indisciplina pode ter diferentes sentidos, que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. Em decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação dos alunos, utilizados como critérios para identificar um comportamento indisciplinado, não somente variam ao longo do tempo, como também se diferenciam no interior da dinâmica social. A indisciplina passa, necessariamente, por constantes redefinições e recriações ao longo do processo educativo.

O conceito de indisciplina varia de acordo com a situação e com o perfil do professor. O que pode ser um comportamento indisciplinado, incomodando um professor, pode não ser para outro. Portanto, numa escola pode-se perceber cada educador atuando da forma como acha correto, com alguns aplicando punições enérgicas para algumas atitudes dos alunos que outros professores não entendem como tal, podendo alimentar discórdias entre o corpo docente. Faltando, desse modo, uniformidade nas ações dos professores. Como explica Tiba (1996 p. 119), “(...) é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes perante as disciplinas mais comuns, como se todos vestissem o mesmo uniforme comportamental.”

Além das constantes redefinições do que é ou não comportamento indisciplinado, outro dado significativo é destacado por Aquino (1996), merecendo atenção. Segundo ele, a questão da indisciplina atravessa, sem distinção, as escolas públicas e privadas. Portanto, engana-se quem pensa que é um fenômeno mais ou menos presente em um determinado contexto. Apesar dos

objetivos educacionais subjacentes à escola pública e privada, que podem por ventura ser diferentes e distintos significados serem atribuídos à problemática, ambas parecem sofrer o mesmo tipo de efeito. Não se trata, portanto, de um desprivilegio da escola pública. Muito pelo contrário, ambas estão tendo que enfrentar a questão.

A noção que geralmente se tem de indisciplina é de comportamentos que bem podem ir do falar quando não solicitado até o extremo de condutas de natureza violenta, como agredir fisicamente um colega. O fato é que esses acontecimentos, cotidianos no cenário escolar, estão mobilizando educadores, pais, psicólogos e psicopedagogos, visto que constituem um obstáculo ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, um dos conceitos que Antunes (2002, p.9) apresenta para uma classe indisciplinada seria aquela que: “Não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno”.

De acordo com Freller (2001, p. 132), os comportamentos tidos como indisciplinados pelos professores são: “(...) conversar, mexer-se, falar palavrão, ser agressivo, não usar o uniforme, não trazer material, não ter interesse ou compromisso, não ter respeito, não ter educação, responder ao professor, ser agitado, hiperativo, não sentar, não se concentrar, brigar.”

Percebemos, com isso, que com atos de indisciplina, os alunos podem não oferecer condições para que o professor estimule habilidades operatórias, desenvolva esquemas de aprendizagem significativa, “acorde” potencialidades e construa conhecimentos. Estas são necessidades tão presentes no ensino, que quando faltam, a qualidade na educação fica comprometida.

Com essa realidade, a indisciplina proporciona resultados negativos para o ensino, pois se o professor não consegue desenvolver bem seu trabalho, ele tem sua autoestima abalada e, portanto, seu trabalho sofrerá as consequências. Numa classe indisciplinada tem, de um lado, o professor no exercício de sua profissão, querendo desenvolver seu trabalho e, do outro lado, os alunos, que devido ao seu comportamento, não deixam. Isso lhe causa sentimentos de impotência e incapacidade frente a uma sala de aula onde os alunos não o respeitam, causando sentimentos de perda de tempo, mágoa e desencantamento, prejudicando o estímulo necessário ao desenvolvimento do seu trabalho.

É certamente esse desrespeito de certos comportamentos dos discentes que preocupa no mais alto grau os educadores. Muitos têm medo de entrar na sala de aula, não apenas por temerem não obter êxito na tarefa de ensinar, mas sobretudo por não saberem se receberão tratamento digno por parte de seus alunos.

Vale salientar que a conduta indisciplinada dos alunos refere-se à desobediência de regras e normas existentes na escola. Conforme Rego (1996), a indisciplina refere-se a um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência e desacato, traduzida pela “falta de educação ou respeito pelas autoridades” e, ainda, bagunça, e agitação motora. É uma espécie de incapacidade do aluno, ou do grupo, em se ajustar às normas e padrões esperados.

Segundo Tiba (1996), vários fatores podem fazer com que o aluno tenha comportamentos indisciplinados. Um fato desencadeador é a falta de interesse dos alunos pelos estudos. Para o autor,

Atualmente, a maior dificuldade encontrada para estudar é a falta de motivação – estudar para quê? Para passar de ano? Para ganhar presente? Para ter sabedoria? Para os meus pais não ‘pegarem no meu pé’? Entretanto, quando estão interessados em algum assunto em particular (computador, música, esporte, coleções, etc), são as pessoas mais animadas, empreendedoras e... disciplinadas. (p.119).

O autor acerta quando defende que os alunos desmotivados não compreendem a importância da escola e quando estudam é apenas o suficiente para passar de ano, com conhecimentos muitas vezes descartáveis após a prova. Alunos desmotivados não se dedicam às atividades de sala de aula para, assim, sobrar-lhes tempo para bagunçar, brincar, brigar... fazendo com que o significado do ensino seja diluído. Para que a aprendizagem possa ocorrer de forma satisfatória, é necessário que o aluno esteja motivado e compreenda os objetivos dos conteúdos que estão sendo trabalhados. Ele deve sentir prazer em frequentar o espaço escolar, além de estar sempre em busca de mais conhecimentos.

De acordo com Freller (2001), a indisciplina também surge como reação à desordem no espaço escolar. A autora cita que:

O abandono da escola, a falta de professores, de material, de verba, de ânimo, de organização, de limpeza etc. são citados com frequência como causa de indisciplina escolar. Grande parte dos alunos se sente “jogado”, “largado”, “abandonado” e imerso num mecanismo perverso e caótico que oscila entre opressão e negligência. (p.71)

Portanto, os alunos sentem a necessidade de serem tratados com respeito, com práticas escolares humanizadas, uma escola limpa e com estrutura docente e material adequado. Na falta disso, o comportamento indisciplinado surge para reivindicar melhores condições.

Podemos encontrar no professor a causa da indisciplina dos alunos, chamando de “professor indisciplinado” como resultado da forma inadequada como o profissional se apresenta frente à sua turma, ou seja, a postura pedagógica adotada em sala de aula, visto que muitos casos de indisciplina com os quais depara, são despertados por alguma atitude equivocada.

Alguns aspectos parecem nada ter a ver com a indisciplina, mas na verdade sintetizam os alicerces nos quais muitas vezes ela se apoia.

O professor com comportamentos como falta de didática, excessiva autoridade, ser muito bonzinho, ser incapaz de reagir às provocações dos alunos e até mesmo não conseguir estabelecer a ordem em sala de aula pode gerar nos alunos atitudes como indisciplina, prejudicando a dinâmica escolar.

É de fundamental importância que o professor assuma uma postura firme, o que não significa ser autoritário, mas que tenha o respeito dos alunos e consiga administrar os conflitos que acontecem em sala de aula. É certo que o professor estabeleça limites entre o adequado e o inadequado; que saiba ouvir e exigir quando necessário; que saiba que o limite entre ser amigo dos alunos e ser muito bonzinho, deixando os alunos tomarem conta da sala; e, finalmente, consiga manter um mínimo de disciplina necessário ao desenvolvimento das atividades. Em relação à autoridade do professor, Tiba (1996, p.125) nos revela: “Como coordenador de grupo, ele tem uma autoridade a ser exercida, que inclusive é esperada pelos alunos. Na falta dela, se deixa tudo por conta dos estudantes e a classe se dispersa.”

Assim como a família, o professor deve trabalhar a questão dos limites, deixando claro para seus alunos o que pode e o que não pode ser feito em sala de aula. Para Antunes (2002, p.25): “Ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não se ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido.”

Com isso, ratifica-se que os limites devem ser estabelecidos, sendo claros e lúcidos, pois é preciso que os alunos saibam que na escola (e na vida, em casa, na escola, no trabalho...) existem regras que devem ser seguidas. O professor deve ser firme para estabelecer e cobrá-las, mas não implica dizer que seja autoritário. Uma boa conversa, onde o professor coloca o que pretende, mas também acolhe as sugestões dos alunos, é um bom caminho para que as regras sejam respeitadas, além de manter uma uniformidade das ações, definindo o que são regras e em que contexto se aplicam de forma a não quebrá-las.

Aliás, o professor deve saber a dose certa entre ser autoridade, respeitado pelos alunos e ser autoritário, deixando nos alunos verdadeiro pavor do professor. Acerca da postura autoritária, enfatiza Vasconcellos (2000a p.30):

A postura pedagógica, neste caso transforma-se numa verdadeira guerra, com os seus participantes (professor e alunos) desenvolvendo um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia e do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional.

Os professores, aproveitando-se da posição que ocupam, se excedem em rigidez, adotando uma postura autoritária. Esse autoritarismo manifesta-se de várias formas, entre elas: quando o professor não permite que o aluno se expresse; quando exige silêncio absoluto, inclusive imobilidade; quando apresenta uma postura fria e indiferente, revelando um baixo nível de afetividade pela turma. Com atitudes como essas, o professor impede a interação tão necessária ao processo de aprendizagem e instala no aluno sentimento de medo e revolta.

Mas isso não significa que o professor deva ser permissivo com os alunos. Esses dois opostos, “professor autoritário” e “professor permissivo”, devem ser evitados. É preciso buscar um equilíbrio, sendo possível ter um papel ativo e enérgico sem ser autoritário. A relação fica

fácil quando os alunos percebem que existe coerência nas ações, que não buscam privilégios para si ou para alguns alunos em detrimento de outros, tendo uniformidade nas ações e tratamento dos alunos, e que as cobranças se pautam em princípios de reciprocidade. Com isso em prática, não precisa postura autoritária.

A uniformidade nas ações é extremamente importante. O professor deve evitar tratar de forma injusta um aluno que comete uma atitude igual a outro que não recebe punição, evitando assim proteger ou perseguir um aluno ou grupo.

Antunes (2002, p.56) dirige um conselho ao professor:

Distribuir com uniformidade, serenidade e justiça a atenção a todos – É claro que em roda classe existem sempre e sempre existirão os mais simpáticos e os mais 'chatinhos', mas você não está ali para dar aula apenas para alguns ou para os que mais gostam de você. (Grifos do autor).

Outro fator que precisa ser analisado é como o professor está se portando em sala de aula. Segundo Antunes (2002, p.28): “Um risco de indisciplina muito grande é o professor ficar sentado, deixar que os outros alunos à sua volta o procurem e, quando se dá conta, com a vista coberta por uma verdadeira parede humana, percebe que o fogaréu da indisciplina incendiou a todos.”

Em momentos como esse, sair gritando, ordenando que os alunos se sentem, só desgasta a autoridade. O ideal seria o professor ir até o aluno, procurá-lo em sua carteira, oferecer-lhe ajuda na atividade, atendendo-o com presteza e deixando-o sentado em seu lugar.

A metodologia utilizada pelo professor nas aulas também merece ser enfatizada. Quando a didática do professor é considerada maçante, os alunos não se interessam pela aula. Sobre essa questão, Antunes (op. cit. p.25) observa: “(...) se a aula é apenas um discurso mal posicionado, nada contextualizado, a indisciplina é inevitável”.

Tiba (1996, p.131) afirma que é um desmando do professor numa classe: “Ler a aula toda seguindo o que está escrito nos livros, em vez de explicar a matéria com exemplos vivos e atuais.” Um assunto trabalhado dessa maneira só faz os alunos perderem a motivação.

A forma mecânica presente na prática de alguns professores que utilizam apenas o livro didático só faz os alunos perderem o interesse pela educação. É o arcaico método pelo qual “um fala enquanto o outro escuta”. É algo muito comum, em escolas públicas, onde não tem papel, lápis, jogos, tintas... materiais que permitam a interação do aluno com algo mais concreto. E os professores de escolas como essas não têm a criatividade de buscar materiais reciclados, como rótulos, tampas, garrafas plásticas e palitos. Ou até mesmo uma visita ao pátio, para explorar a natureza numa aula de Ciências, restringindo-se meramente a aulas expositivas.

Silva (2004) afirma que o fato de os conteúdos ministrados pelos professores estarem aquém ou além das capacidades dos aprendizes faz com que eles não tenham motivos para se interessar pelas aulas.

O professor deve selecionar e aplicar ajustadamente os conteúdos. Um nível de complexidade muito alto ou muito baixo não contribui para a reflexão e o debate, situação que indica a participação ativa e compromissada do aluno no processo de aprendizagem. As atividades propostas precisam garantir organização e ajuste às reais possibilidades dos alunos, de forma que cada uma não seja nem muito difícil nem demasiadamente fácil. Os alunos devem poder realizá-la numa situação desafiadora.

Portanto, o professor deve adequar o ensino aos interesses dos alunos e utilizar uma didática que seja estimulante e criativa. Utilizar jogos, brincadeiras, músicas, aulas externas e trabalhos em grupo fazem com que desperte no aluno o gosto pela aprendizagem. Dedicando-se mais às atividades, sobra-lhes menos tempo para ter comportamentos indisciplinados.

Outro fator que influencia na questão disciplinar é a assiduidade e pontualidade do professor. Antunes (op. cit.) alerta, que um fator essencial para o início da indisciplina é o professor chegar atrasado em sala de aula. Isso porque, quando os alunos se habitam com os atrasos e faltas do mestre, a espera por sua aula é sempre com muita conversa, bagunça e alegria. E sua chegada é motivo de frustração.

Com atrasos e faltas, o professor demonstra descompromisso e irresponsabilidade com o trabalho. O ideal é que exista a assiduidade e pontualidade com o trabalho, com horários

estabelecidos e professores cumprindo com regularidade, pois assim os alunos se organizam e se preparam para a aula.

Atitudes como estabelecer limites, utilizar uma didática estimulante e ter assiduidade e pontualidade são caminhos que o professor pode seguir para, se não resolver, ao menos amenizar a questão da indisciplina em sala de aula. Sobre isso, enfatiza Vasconcellos (2000b, p.69):

O professor é um dos principais agentes de mudança da disciplina (ou um agente privilegiado): 1) Por estar em contato direto com os alunos, no *locus* privilegiado onde se manifesta o problema; 2) Por ser o profissional da educação; 3) Por ser – potencialmente – um dos mais interessados em resolver esse problema (em função do elevado desgaste que sofre). (Grifos do autor).

Cabe ao professor refletir sobre suas próprias atitudes, de forma a cuidar da dinâmica de sala de aula, assegurando participação efetiva de todos; propor atividades ativas e cooperativas; alternar tarefas práticas e teóricas, evitando a monotonia do funcionamento; trabalhar os limites em sala de aula. Assim, busca uma boa interação com os alunos, amenizando a indisciplina e desenvolvendo um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

Metodologia

Para elaboração dessa monografia, foi feita uma pesquisa teórica, consultando-se livros que abordam o tema, visto que estes possibilitam o conhecimento sobre o assunto e oferecem subsídios para a análise da indisciplina como obstáculo ao processo de ensino-aprendizagem.

Resultados

Em virtude da indisciplina escolar ser um tema complicado por atrapalhar tanto o processo de ensino-aprendizagem, este estudo levanta causas que sirvam para o professor refletir sobre ele como influenciador dessa indisciplina dos alunos.

Considerações finais

A busca pela ordem em sala de aula, segundo Guimarães (1996), faz com que o professor se concentre numa posição que obriga os alunos ao cumprimento fiel de normas, achando que com isso conseguirá eliminar os conflitos. Por outro lado, enfatiza a autora, que as diferenças e instabilidades de uma turma apontam para a inutilidade de um controle autoritário, pois os alunos buscam um modo espontâneo e não planejado de viver, algo que, por ser irreprimível, impede a instalação de qualquer tipo de autoridade.

Tendo em vista esse contexto, quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade como grupo. Cabe ao professor abrir espaços para novas compreensões e perspectivas que visem ao crescimento e à realização do aluno. O que a escola vivencia é uma complexidade nas relações, pois os conflitos e resistências de seu cotidiano precisam ser assumidos como um desafio em busca de ações de enfrentamento e formas de luta para lidar com a indisciplina.

O processo de aprendizagem é algo constante na vida do indivíduo, surgindo sempre que há relação entre pessoas e vontade de ensinar e aprender, não sendo necessário, para isso, estar no ambiente escolar. Entretanto, quando se faz referência à escola, trata-se de todo processo formativo que ocorre em sala de aula, fruto da relação estabelecida entre professor-aluno-saber. Para se obter êxito no processo de educação, é importante analisar como está caminhando a relação professor-aluno, a forma como os recursos didáticos estão sendo aplicados, os conteúdos trabalhados, condições do ambiente escolar, horários e a conduta dos alunos. Esses pontos podem ser influenciadores ou obstáculos, levando ao sucesso ou fracasso do trabalho educativo. Além disso, a indisciplina se configura como uma conduta capaz de prejudicar o trabalho de ensino-aprendizagem.

O comportamento indisciplinado não é recente no universo escolar, afetando escolas públicas e privadas, que encontram nas brigas, conversas, desrespeito e algazarras dos alunos grandes empecilhos para a educação. Traz, inclusive, a substituição do papel da escola, que deixa de ser um local para construção de conhecimentos para se tornar um espaço disciplinador.

A indisciplina pode ser vista como resposta a práticas educacionais conservadoras e também à carência do aluno – anteriormente não construída pela família – em reconhecer o professor como uma figura de autoridade que deve ser respeitada. Com isso, fica evidente que para se analisar a indisciplina escolar é necessário levar em conta não apenas como proveniente do aluno, mas também como influência da família e da prática do professor no desencadeamento desse comportamento. Percebemos que, quando o aluno está desmotivado, ele não reconhece a importância da escola, dedicando seu tempo em sala de aula a comportamentos tidos como indisciplinados. Essa falta de motivação pode ocorrer devido às condições precárias da escola, sendo uma forma de denúncia. Também pode ocorrer pela incapacidade do aluno em obedecer regras e normas, sendo uma intolerância dele em atender aos acordos firmados ou pela falta de limites ensinados pela família e pelo professor.

O professor pode gerar nos alunos comportamentos de indisciplina, de acordo com a didática utilizada e a postura frente a seus alunos. Espera-se dele uma reflexão sobre a própria prática, para perceber se ele também pode ser causador. E, acima de tudo, é necessário que o professor tenha uma mentalidade aberta, sendo decifrador e receptor das várias linguagens dos alunos, estabelecendo limites e fazendo do ambiente escolar um local de interação, elevando o prazer do aluno para a construção do conhecimento.

Lopes (2005 p. 49) sugere algumas atitudes que o professor pode ter para amenizar a indisciplina escolar:

- Não grite. Se o barulho se sobrepõe à sua voz, espere em silêncio: a turma vai saber que isso está prejudicando a aula.
- Recorra aos contratos. Se as regras coletivas são claras e todos estiverem de acordo, fica mais fácil chamar atenção quando ocorre uma transgressão.
- Seja coerente com o que pede aos alunos. Não adianta cobrar pontualidade se você chega atrasado.
- Não considere a indisciplina um ataque pessoal. Não aceite provocações para não reforçar comportamentos indesejados.
- Seja enérgico quando necessário sem perder o afeto. O diálogo e reflexão não eliminam a sanção prevista.
- Não desanime. A assimilação da disciplina é um processo gradativo e exige investimento. Você terá que repetir o discurso para o mesmo aluno várias vezes.

Ao final dessa pesquisa, parece-nos pertinente afirmar que toda a dinâmica do contexto escolar e social influencia no comportamento dos alunos. A valorização deles – a fim de estimular o sentimento de pertencimento àquele ambiente – e o estímulo ao respeito, ao diálogo entre todos os atores do ambiente escolar são peças importantes no processo de mudança de uma sala da condição de indisciplinada para a de, pelo menos, um pouco disciplinada.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho=Aluno Difícil: a questão da indisciplina em sala de aula**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa. A Desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Summus, 1996 – (Na escola).

FRELLER, Cintia Copit. **História da Indisciplina Escolar: O trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana**. 1.ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e Violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, JÚLIO Groppa (Org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Summus, 1996 – (Na escola)

LOPES, Áurea. Disciplina. In: **Revista Nova Escola**. Nº183, jun/jul. São Paulo: Editora Abril, 2005, PP 44-9.

REGO, Teresa Cristina R. A Indisciplina e o Processo Educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.) . **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Summus, 1996 – (Na escola)

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. 2ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 1.ªed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do Conhecimento em Sala de Aula**. 10ªed. São Paulo: Editora Libertad, 2000a.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 11.ªed. São Paulo: Editora Libertad, 2000b.